

Gestão Empresarial: Os Custos Na Formação de Cultura Perene

Fabricio Conrado Demetrio

Adriana Marques Dias

Resumo:

No Brasil, a maioria dos pequenos e médios produtores rurais, não possuem um controle financeiro que englobe a contabilidade adequada em suas culturas. As empresas rurais exploram a capacidade produtiva do solo através do cultivo da terra, da criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas. A contabilidade de custos cuida dos custos da empresa, não se preocupando com despesas. Este artigo, a partir de diversos estudos da região de Jundiaí, demonstra que a videira é uma cultura perene (permanente) e seus custos de formação são classificados no ativo Permanente Imobilizado, e apresenta a seqüência de plantio e a formação do custo desta cultura. O custo é um dos assuntos mais importantes dentro da contabilidade. A necessidade de uma boa contabilidade de custos se torna primordial para uma bem sucedida trajetória da empresa. Dentro desse período de formação há somente custos, e o retorno é obtido somente após a completa formação das parreiras. Sendo assim, faz-se necessário uma contabilização exata dos custos da formação, para se apurar com exatidão o tempo de retorno do investimento.

Área temática: A Mensuração de Custos no Setor Primário

GESTÃO EMPRESARIAL: OS CUSTOS NA FORMAÇÃO DE CULTURA PERENE

TRABALHO 9.126

RESUMO

No Brasil, a maioria dos pequenos e médios produtores rurais, não possuem um controle financeiro que englobe a contabilidade adequada em suas culturas. As empresas rurais exploram a capacidade produtiva do solo através do cultivo da terra, da criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas.

A contabilidade de custos cuida dos custos da empresa, não se preocupando com despesas. Esta artigo, a partir de diversos estudos da região de Jundiaí, demonstra que a videira é uma cultura perene (permanente) e seus custos de formação são classificados no ativo Permanente Imobilizado, e apresenta a seqüência de plantio e a formação do custo desta cultura.

O custo é um dos assuntos mais importantes dentro da contabilidade. A necessidade de uma boa contabilidade de custos se torna primordial para uma bem sucedida trajetória da empresa.

Dentro desse período de formação há somente custos, e o retorno é obtido somente após a completa formação das “parreiras”. Sendo assim, faz-se necessário uma contabilização exata dos custos da formação, para se apurar com exatidão o tempo de retorno do investimento.

PALAVRAS CHAVES

Gestão empresarial – custos – atividade rural

INDICAÇÃO DA ÁREA TEMÁTICA

A Mensuração de Custos no Setor Primário

GESTÃO EMPRESARIAL: OS CUSTOS NA FORMAÇÃO DE CULTURA PERENE

INTRODUÇÃO

No Brasil, a maioria dos pequenos e médios produtores rurais, não possuem um controle financeiro que englobe a contabilidade adequada em suas culturas. Somente os grandes fazendeiros e latifundiários possuem um bom controle contábil em suas atividades.

Por isso o desenvolvimento de pesquisas sobre os controles financeiros é considerado muito importante para o desenvolvimento de controles-financeiros, auxiliando assim o produtor para que ele tenha condições de aumentar a qualidade e melhorar a produção com menor custo.

Desta forma o produtor aumentará assim sua produção e conseguirá atingir bons níveis de qualidade de seus produtos, com boa aceitabilidade do mercado. As empresas rurais exploram a capacidade produtiva do solo através do cultivo da terra, da criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas.

A videira foi introduzida no Brasil, no ano de 1532, pelos colonizadores portugueses e com o passar do tempo, espalhou-se pôr diferentes regiões do país, sem que, no entanto, chegasse a se constituir em cultura de importância econômica.

Em 1994, houve uma redução no volume exportado, que foi de 7.100 toneladas, no valor de US\$ 8.5 milhões, em razão principalmente do aquecimento da demanda interna e também, devido a ocorrência de fortes geadas no Estado de São Paulo, que restringiram a sua safra e fez com que parte da produção do nordeste fosse deslocada para o sul do país. Maioria da produção é comercializada principalmente no mercado interno, no período que vai de dezembro a abril, dependendo da região em que as uvas são produzidas. Nos últimos anos, parte da produção da região de São Miguel Arcanjo tem sido exportada, em razão da alta qualidade do produto.

A contabilidade de custos cuida dos custos da empresa, não se preocupando com despesas. Esta artigo, a partir de diversos estudos da região de Jundiaí, demonstra que a videira é uma cultura permanente e seus custos de formação são classificados no ativo Permanente Imobilizado, e apresenta a seqüência de plantio e a formação do custo desta cultura

O custo é um dos assuntos mais importantes dentro da contabilidade. A necessidade de uma boa contabilidade de custos se torna primordial para uma bem sucedida trajetória da empresa. Uma das grandes utilidades dos sistemas de custos é exatamente a sistematização criada para o registro de volumes físicos consumidos e ou fabricados.

Nem sempre é economicamente viável o levantamento de certos dados físicos, como pode ocorrer em uma fábrica de fertilizantes que não haja condições para se medir a matéria-prima introduzida num determinado dia. Com isso, é muito difícil explorar a completa utilidade do sistema, ou às vezes isso é até mesmo impossível, devido ao uso de valores estimados de maneira pouco correta.

Cada informação provoca um gasto, e este pode trazer inúmeros benefícios. A relação entre gasto e benefício precisa ser avaliada não apenas na implantação do sistema, mas, durante todo o seu funcionamento.

Na contabilidade rural todas essas técnicas e sistemas se alteram. As empresas rurais são aquelas que exploram a capacidade produtiva do solo através do cultivo da terra, da criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas.

Na atividade agrícola, a receita encontra-se normalmente logo após a colheita, onde concentra-se em determinado período que pode traduzir-se em alguns meses do ano. Ao contrário de outras atividades cuja comercialização se distribui no decorrer de todo o ano.

Em uma formação de cultura perene (permanente), o tempo para tal se torna muito longo, que chega a variar entre três a quatro anos no caso da videiras. Dentro desse período de formação há somente custos, e o retorno é obtido somente após a completa formação das “parreiras”. Sendo assim, faz-se necessário uma contabilização exata dos custos da formação, para se apurar com exatidão o tempo de retorno do investimento.

A VITICULTURA BRASILEIRA¹

A videira foi introduzida no Brasil, no ano de 1532, pelos colonizadores portugueses da expedição de Martim Afonso de Souza. Com o passar do tempo, a videira se espalhou pôr diferentes regiões do país, sem que, no entanto, chegasse a se constituir em cultura de importância econômica.

Entre 1830 e 1840, foram introduzidas no Brasil as videiras americanas, de maior resistência às doenças fúngicas do que as variedades européias e, com acentuadas características de adaptação às nossas condições ambientais, motivo pelo qual logo prosperassem.

Outro fator que contribuiu de forma significativa para a expansão da vitivinicultura no Brasil, foi a chegada, no final do século passado, dos imigrantes italianos, povo tradicionalmente ligado à cultura da videira.

Atualmente, pode-se dizer que a videira está presente em todos os Estados brasileiros. De forma organizada, no entanto, a viticultura encontra-se estabelecida em onze estados, se mostrando, na maior parte dos casos, como exploração agrícola de pequenas propriedades.

A viticultura tem expressiva importância sócio-econômica, se constituído na base de sustentação da agricultura de muitas regiões, não somente através da produção de uvas para o consumo como fruta in-natura, mas também de matéria-prima para a elaboração de vinhos e todos os seus derivados. Onde os maiores produtores são Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo (onde boa parte da produção encontra-se na cidade de Jundiaí), e agora com novas tecnologia a região nordeste produz em grande quantidade e qualidade possibilitando a exportação.

A viticultura no estado de São Paulo, atualmente, pode ser analisada sob três deferentes aspectos: a produção de uvas finas de mesa, de uvas populares de mesa e de uvas destinadas à vinificação

A produção paulista de uvas finas de mesa baseia-se na variedade Itália e, em menor escala, nas suas mutações Rubi e Benitaka. O cultivo das uvas finas de mesa encontra-se distribuído pôr todo o estado, sendo que os principais municípios produtores são os de São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul e Buri, com mais de 60% do total plantado.

Maioria da produção é comercializada principalmente no mercado interno, no período que vai de dezembro a abril, dependendo da região em que as uvas são produzidas. Nos últimos anos, parte da produção da região de São Miguel Arcanjo tem sido exportada, em razão da alta qualidade do produto.

¹ MARTINS, F. P. *A Cultura da Videira*. Jundiaí: Sindicato Rural de Jundiaí

Outro fato a ser considerado, é a significativa expansão que o cultivo de uvas finas de mesa vem experimentando na região noroeste do estado, onde se destacam como principais produtores os municípios de Jales, Palmeira d'Oeste e Tupi Paulista.

A viticultura defere totalmente das tradicionais regiões produtoras, já que a videira vegeta praticamente o ano inteiro, em razão das condições climáticas com altas temperaturas, associadas à irrigação durante a estação da seca. A colheita é realizada nos meses de entressafra, época em que os preços são os mais elevados.

A viticultura de maior expressão no estado de São Paulo, no entanto, continua sendo a relativa ao cultivo das uvas populares de mesa, onde predominam as variedades americanas, com especial destaque para a Niagara Rosada.

O cultivo das uvas populares de mesa encontra-se, também, muito difundido pelo território paulista, mas a liderança na produção está com a região de Jundiaí e municípios vizinhos, onde estão plantados quase 30 milhões de pés.

Pôr apresentarem pequena resistência ao transporte e à conservação, as uvas populares de mesa são comercializadas só no mercado interno, principalmente nos centros de abastecimentos estaduais como o de São Paulo a CEAGESP (Centro de Abastecimento Geral do Estado de São Paulo).

A videira pode ser cultivada, praticamente em todo o território brasileiro. Prova disso é êxito da cultura, não só nas já tradicionais regiões produtoras, como também, naquelas outras onde a viticultura vem se expandindo, nos últimos tempos. No tocante às condições climáticas, as limitações são pequenas, pois apenas os locais excessivamente úmidos são completamente desfavoráveis para a cultura.

Quanto as variedades, dois diferentes aspectos devem ser considerados: os do Porta enxerto (cavalo) e o das variedades produtoras de frutos (cavaleiro), tendo um dos fatores que determinam o êxito da enxertia da videira é a compatibilidade entre o porta enxerto e as variedades produtoras. Poucas são as combinações totalmente incompatíveis, mas sim as que melhores se saem em relação à produtividade, qualidade do fruto quanto a cor, sabor e resistência às pragas.

As características das variedades variam conforme a finalidade a que se destinam, que seja o consumo *in natura*, a produção de passas ou a industrialização, com vistas à elaboração de sucos, vinhos e seus derivados.

Portanto as variedades de uvas de mesa, que nos interessam, devem apresentar, de preferência, cachos grandes e soltos, com bagas graúdas, de boa coloração, sabor agradável e isentas de defeitos.

O CUSTEAMENTO DE UMA CULTURA

A Contabilidade de Custos, preocupa-se com o controle dos custos, cuida dos custos da empresa, fornecendo dados para estabelecimento de orçamentos, comparando quanto custou com a previsão ideal de quanto deveria custar, fazendo assim as análises necessárias com o objetivo de baixar custos.

O campo de aplicação de custos abrange o patrimônio das empresas, existem vários tipos de empresas, existem vários tipos de empresas, existem as empresas comerciais, agrícolas, extrativas, etc. O que diferencia as empresas industriais das demais empresas são as atividades de transformação de matérias-primas em produtos industrializados. A transformação pode ocorrer em função da transformação, da montagem de peças, do beneficiamento, da restauração.

Quando todos os gastos de produção, numa fazenda compõem um estoque, chamamos de Custos. A Contabilidade de Custos tem como preocupação a avaliação de estoques, ela está preocupada com a apuração do resultado e com a forma de identificar o lucro de maneira adequada, ela também está voltada para as tomadas de decisões como por exemplo: qual o produto que vende mais para estimular a produção, qual a quantidade necessária que se deve produzir para não Ter prejuízo, como reduzir custos, qual produto é preciso cortar para aumentar a rentabilidade.

SANTOS E MARION (1996) destacam que o sistema de custos é o conjunto de procedimentos que registra sistematicamente, a remuneração dos fatores de produção usados no serviços rurais e tem como objetivo auxiliar a administração, revelando as atividades de menor custo, mais lucrativos, operações de maior e menor custo.

Oferecer bases concretas para projeção de resultados, auxiliar o planejamento rural na decisão de quando e como plantar. Orientar órgãos na fixação de medidas, como incentivos , fixação de medidas, limites de crédito.

A nomenclatura de custos é muitas vezes usada para nomear bens e serviços, como:

- Materiais e Insumos - significa os materiais brutos e anteriormente produzidos, necessários para obtenção de um novo produto Ex: mudas, sementes, fertilizantes, medicamentos.
- Mão-de-Obra direta - encargos, salários, provisão de férias, 13º salários e benefícios do pessoal empregado diretamente na produção Ex: campeiro, safrista, tratorista, tratador, fiscal de turma.
- Mão-de-Obra indireta - pessoal empregado indiretamente na produção Ex: engenheiro agrônomo, técnico agrícola.
- Depreciação de Máquinas e Equipamentos - parcela correspondente a taxa de depreciação pelo uso das mesmas máquinas e equipamentos.
- Manutenção de Máquinas e Equipamentos - gastos com reparos de tratores, gastos com peças e equipamentos usados na produção, manutenções preventiva e corretiva.
- Combustíveis e Lubrificantes- usados pelas máquinas de produção, como por exemplo os tratores.

Identificar os custos com os produtos através da medição dos insumos utilizados:

- Custos Diretos: através da medição dos insumos utilizados são identificados produtos acabados, como: quilos de sementes, horas de mão-de-obra, gastos com funcionários, manutenção de tratores.
- Custos Indiretos: são necessários à produção, geralmente de mais de um produto, através de sistema de rateio: produtos de alimentação, salários das chefias e técnicos, higiene e limpeza pessoal.

Os custos variam ou permanecem inalterados em relação às quantidades produzidas, isto é que os custos permaneçam constantes, independentes do volume, em decorrência os custos classificam-se em:

- Custos Variáveis - variam de acordo com o volume de área de plantação ou de produção Ex: materiais diretos (rações, sementes, fertilizantes), mão-de-obra direta, horas máquina.
- Custos Fixos - em termos de valor e em termos físicos, são os que permanecem inalterados, independente do volume de produção, são conhecidos como custos de capacidade, pois geralmente são oriundos da posse de ativos e estado de prontidão para produzir. Ex: benfeitorias e máquinas agrícolas, depreciação de instalações, seguro de bens, salários de chefias e técnicos rurais.

MARION (1996) a contabilidade de custos cuida dos custos da empresa, não se preocupando com despesas. Sua primeira preocupação é a avaliação de estoques, apuração do resultado, ou seja, identificar o lucro mais adequado, também o controle dos custos, fornecendo dados, comparando o quanto custou (real) com o quanto deveria custar, com o objetivo de reduzir custos. Também está voltada para tomada de decisões, como por exemplo: Certos itens, é melhor produzir ou comprar de terceiros ?

Devido ao fato de que os custos variem proporcionalmente ao volume produzido ou permaneçam constantes, independente do volume.

A apuração de dos custos pode ser por ordem de produção e por produção em processo.

- Ordem de produção – ciclo de produção dentro de um tempo e espaço geográfico em que cada elemento acumulado separadamente recebe um código para cada ordem de produção, onde serão alocados os produtos.
- Produção em processo – determina-se o custo unitário dividindo-se o total dos custos acumulados, durante certo tempo, pelas unidades produzidas no período.

Entende-se por mão-de-obra direta as pessoas que prestam serviços diretamente, com gastos relevantes, nas operações agrícolas. Através do apontamento de horas calcula-se o custo a ser alocado na produção, distinguindo-se também as horas improdutivas.

Os custos de mão-de-obra direta devem ser aplicados a um único tipo de produção, suscetível de medição precisa. Se tiver que recorrer a outro critério ou estimativa, passa-se à MOI., qualquer que seja o objetivo.

Existem vários tipos de mão-de-obra direta, sendo as principais considerado nesta atividade todos os trabalhadores empregados nas atividades agrícolas, diretamente no campo.

Os aparelhos de trabalho que executarem de forma direta as operações agrícolas são considerados equipamentos e são divididos em categorias máquinas e implementos. As Máquinas são os tratores, colhedeiras, motores, conjuntos de irrigação e os Implementos são os arados, grades, pulverizadores, plantadeiras/adubadeiras, carretas e os veículos são caminhões e caminhonetes (*pick-up*)

Devido o capital de máquinas e veículos serem relevantes, os apontamentos serão feitos individualmente, para melhor avaliação do desempenho de cada um, já os implementos os controles são feitos a nível de categorias. As máquinas e os grupos de implementos terão seus centros de custos (histórico da máquina). Exemplo: onde e quantas horas trabalhou, consumo, o que executou.

Alguns dos principais motivos de parada de máquinas, abastecimento, carga ou descarga de material, chuva, enlasheda, sem operador, oficina, trocando implementos, refeições.

Esse tempo de parada é obtido através de hora relógio e depois convertido para hora horímetro para análise comparativa.

Estes custos são calculados a partir a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Custo total do período}}{\text{Horas trabalhadas}}$$

E para o cálculo de eficiência utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Horas trabalhadas}}{\text{Horas disponíveis}} \times 100$$

Os materiais são insumos rurais produzidos ou adquiridos para serem utilizados durante o ciclo produtivo, sendo muitas vezes o seu custo aquele efetivamente pago pelo bem. Sendo que os Custos Indiretos e Custos dos Produtos Vendidos são custos não alocáveis diretamente nas ordens de produção, sendo necessário controlar em separado os elementos de custos indiretos incorridos no período denominado em “Comum” e “Específico” :

- Comum contabilizar os gastos que atende todos os centros produtivos da unidade. Exemplo: almoxarifado, veículo da gerência, secretaria geral etc.
- Específico – são custos indiretos que se identificam com o respectivo centro produtivo.

Para a adequada mensuração dos custos comuns e específicos são utilizados os critérios de rateio. Para os custos comuns, devem ser rateados na mesma proporção dos custos variáveis de cada Centro de Produção. Já para os custos específico, que são custos incorridos no período mais os valores recebidos dos Centros de Custos Indiretos Comuns, apropriando na mesma proporção dos Custos Variáveis Incorridos em cada Ordem de Produção.

No período da “Cultura em Formação”, como já foi visto, todos os custos voltados para a referida cultura serão acumulados nessa conta, inclusive a depreciação dos bens utilizados, desde a preparação do solo até a maturidade da plantação. Incluem-se também nessa conta os adiantamentos concedidos a fornecedores por conta de fornecimento de adubos, sementes, mudas etc. É evidente, que havendo mais culturas, os custos indiretos deverão ser rateados e apropriados a “Cultura Permanente em Formação”. Assim, considera-se o número de horas que o trator da fazenda destinou especificamente a cultura em análise; o número de horas que determinados funcionários estiveram à disposição da cultura em formação e assim sucessivamente.

As culturas, todavia, em formação ou formadas, estão constantemente sujeitas a perdas extraordinárias decorrentes de incêndios, geadas, inundações, granizo, tempestades, secas e outros eventos desta natureza. A ocorrência de um desses fatos provoca perda de capacidade parcial e, em alguns casos, até total; deve-se, sem dúvida, ser baixada do Ativo Permanente e ser considerada como perda do período, indo diretamente para o Resultado do Exercício, mesmo que tal perda esteja coberta por seguro, não importando se culturas formadas ou em formação. Essas perdas serão classificadas como Despesas não Operacionais.

Normalmente, não se caracterizam perdas extraordinárias as que se apresentarem como simples frustração ou retardamento de safra agrícola.

CUSTOS DE FORMAÇÃO DA VIDEIRA

No início de uma atividade agrícola (cultura permanente) a conta “Cultura Permanente em Formação” (Ativo Imobilizado) será evidenciada pelo seu valor de custo corrigido monetariamente, ou seja, com o objetivo de se apurarem valores atualizados, principalmente em virtude da depreciação após a formação da cultura (cultura formada).

Numa atividade em operação, o resultado da correção monetária será apropriado como a adição (se houver ganho com a inflação) ou subtrativamente (se houver perda com a inflação) na demonstração do resultado do exercício, aumentando ou diminuindo respectivamente, o resultado.

Na fase de implantação, no plantio da primeira cultura, observa-se que o período de formação e crescimento da cultura permanente, até sua maturidade, denominado período pré-operacional, é relativamente longo, ao contrário do que acontece nas empresas industriais, de maneira geral.

Na primeira cultura, considerando que não existe outra receita operacional a empresa não apurará resultado; como não houve realização da receita, não haverá a apropriação das despesas, uma vez que não há possibilidade de confronto para a apuração do resultado. Dessa forma, não haverá em período pré-operacional a Demonstração do Resultado do Exercício.

Os Gastos Pré-Operacionais são todas as despesas pagas ou incorridas pela empresa, durante o período que acontece o início de suas operações e que não forem identificadas diretamente com a cultura, serão enquadradas como pré-operacionais no Ativo Permanente Diferido, o qual será corrigido monetariamente.

Observa-se que os gastos relativos à cultura (mão-de-obra, serviços de terceiros, preparação do solo, sementes,...) ou a qualquer item do Imobilizado (prédios, galpão, pastos,...) serão acumulados em suas respectivas contas e não em gastos pré-operacionais.

Dessa forma, serão acumulados como gastos pré-operacionais: despesas operacionais (propaganda, administrativas, financeiras,...), despesas com constituição, despesas com pesquisas e estudos de viabilidade econômica, saldo devedor de correção monetária de balanço etc.

Pela Teoria da Contabilidade, toda receita obtida nesse período, como receitas financeiras, saldo credor da correção monetária etc., deve ser tratada como redução dos gastos pré-operacionais.

Todavia, o Imposto de Renda, para poder tributar as receitas desse período, determina que, nas empresas em fase pré-operacional, as receitas financeiras excedentes das despesas financeiras devem ser computadas no lucro líquido do exercício. O mesmo tratamento deve ser dado ao saldo credor da correção monetário (ganho inflacionário) do balanço, no que exceder as variações monetárias passivas (correção monetária de dívida e variações cambiais), podendo-se postergar a tributação do lucro inflacionário.

No que tange a amortização dos gastos pré-operacionais (distribuição das despesas diferidas ao longo dos períodos), ela ocorrerá a partir da primeira colheita (inclusive), respeitando-se um limite máximo de dez anos e um prazo mínimo de cinco anos (a taxa variará, facultativamente, de 10 a 20% ao ano).

A videira tem um período de quatro anos para sua formação sendo que no primeiro ano de formação, pôr haver inumares qualidades de porta enxertos (cavalo) e cavaleiro, com vários tipos de condução (dependendo de regiões) fica aqui a impossibilidade de estudarmos todos, Pôr

haver inúmeros qualidades de porta enxertos (cavalo) e cavaleiro, com vários tipos de condução (dependendo de regiões) fica aqui a impossibilidade de estudarmos todos, este trabalho mostra a formação da videira em que se utilizou o porta enxerto 766 e cavaleiro *Riparia do Traviú* com condução de espaldeira plantado na região de Jundiá ocupando uma área de 2.03 hectares, onde encontramos um total de 10.000 plantas, havendo uma sobra, ainda, para um caminho, em forma de cruz, que reparte o vinhedo em quatro quadras de 2.500 videiras cada. Teoricamente, cada quadra terá 50 ruas com 50 pés de videira.

A seguir serão demonstrados todos os materiais diretos utilizados para o plantio, condução e manejo do primeiro ano da videira.

Tabela 1 - Insumos utilizados

INSUMOS UTILIZADOS PRIMEIRO ANO			
INSUMO UTILIZADO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Esterco de frango	20.000 quilos	R\$0,055	R\$1.100,00
Super Fostato Simples	10.000 quilos	R\$0,28	R\$2.800,00
Calcário Dolomítico	3.000 quilos	R\$0,05	R\$150,00
Adubo formulado (20.05.30)	1.000 quilos	R\$0,33	R\$330,00
Herbicida de contato	10 litros	R\$10,40	R\$104,00
Fungicida de contato	50 quilos	R\$6,48	R\$324,00
Fungicida sistêmico	8 quilos	R\$28,00	R\$224,00
Total			R\$5.032,00

Tabela 2 - Custos de material direto

MATERIAL DIRETO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Mourões de cabeceira	400 unidades	R\$5,00	R\$2.000,00
Mourões de sustentação	2.600 unidades	R\$2,00	R\$5.200,00
Estacas para condução do porta enxerto	10.000 unidades	R\$0,10	R\$1.000,00
Arame para sustentação	36.000 metros	R\$0,03	R\$1.080,00
Arame duro para cruzetas	1.950 metros	R\$0,04	R\$78,00
Pregos de cerca (grampos)	11.200 unidades	R\$0,01	R\$112,00
Sacos plásticos para fita	45 quilos	R\$7,80	R\$351,00
Grampos de máquinas de Amarrar	10 caixas	R\$2,50	R\$25,00
Total			R\$9.846,00

Tabela 3 - Custos de hora máquina utilizada

MAQUINA UTILIZADA	IMPLEMENTO	HORAS GASTAS	CUSTO HORA	POR CUSTO TOTAL
Trator ford 7600	Roçadeira	8 horas	25,00	200,00
Trator MF 265	Carreta	32 horas	15,00	480,00
Trator MF 290	Arado	20 horas	30,00	600,00

Trator MF 265	Grade	12 horas	25,00	300,00
Trator MF 290	Subsolador	30 horas	30,00	900,00
Trator MF 265	Tanque de água	40 horas	15,00	600,00
Trator MF 265	Perfurador de solo	12 horas	30,00	360,00
Micro trator (tobata)	Roçadeira	40 horas	10,00	400,00
Conjunto irrigação	de Esperssores	100 horas	7,00	700,00
Total				4540,00

Tabela 4 - Custos com mão-de-obra direta

quantidade de dias/homem	custo do dia/homem	Total
301	R\$15,00	R\$4.515,00

O segundo ano no cultivo para a formação da videira tem início logo no começo do mês de fevereiro. Nesta etapa será necessário a limpeza do terreno plantado eliminando todas as ervas daninhas, deixando o solo limpo sem nenhum tipo de cisco.

Após a limpeza realiza-se a segunda estercação de cova, normalmente com matéria orgânica e adubos minerais em suas devidas proporções. O procedimento é a abertura de covas entre plantas, a distribuição dos insumos, a mistura dos insumos com a terra do interior da cova e após a sua cobertura com terra.

Quando se aproxima o mês de junho tem início a poda do porta enxerto que nesta altura já esta totalmente sem folhas, esta poda retira-se todos os cipós (os quais servirão de mudas para um outro plantio) de modo a deixar só o tronco principal à uma altura de 25 centímetros do solo.

Outro passo primordial, mas que a maioria dos agricultores da região de Jundiaí não estão habituados a realizar, é a pulverização do tronco de porta-enxerto depois da poda, esta pulverização está voltada a eliminar fungos que futuramente poderão danificar o enxerto e possivelmente até eliminá-lo. Esta pulverização é realizada com a calda bordaleza, mistura de sulfato de cobre com cal virgem na proporção de 2 quilos de sulfato de cobre e 2 quilos de cal virgem para cada 100 litros de água, este é um procedimento simples, rápido e de baixo custo.

Com isso já pode-se escolher uma quadra de videira com no mínimo 2 anos de produção, para a retirada dos parcelos (cavaleiro), que são uma parte do cipó destas videiras em produção, onde ai escolhe-se a qualidade desejada do fruto (niagara rosada ou niagara branca)

Estes parcelos deverão ter boa aparência sempre retos e uma média de 6 milímetros de espessura, depois de serem retirados deverão ser acomodados em caixas com aproximadamente 2000 unidades cada e guardado em lugar escuro e úmido, molhando-os a cada dia com água limpa e fresca. Nestes parcelos é que irá ser feita uma cunha que se encaixará no porta-enxerto.

O amarril do enxerto poderá ser feito com barbante de 8 fios e também com a tradicional juta, uma planta fibrosa que após cortada e deixada secar se torna um excelente amarril com muita resistência. Em nosso caso vamos utilizar o barbante, por sua facilidade para efetuar a atividade e também como economizar mão de obra, que no caso da juta é de maior custo devido aos vários processos que irá passar.

É de muita importância salientar que o barbante utilizado tem por necessidade que ser 100% algodão, caso contrário ele não apodrecerá quando o enxerto começar a engrossar causando o estrangulamento e o corte do mesmo.

A atividade a seguir se dá em realizar a batida da terra, onde utiliza-se um micro trator (tobata). Este irá passar em meio as espaldeira com um implemento dotado de facas curvas rotativas que irão batendo no solo tornando-o solto e sem torrões, atividade esta necessária pois o enxerto depois de realizado será coberto com esta terra solta.

Com todos estes procedimentos realizados, o próximo será a contratação de mão de obra especializada para a realização da enxertia, mão de obra esta de custo alto. O enxertador nome que se dá a pessoa que realiza o enxerto, irá na frente repodando os troncos de porta-enxeto a uma altura agora de 10 centímetros do solo, fazer um racho bem no centro do mesmo, pegar um parafuso (cavaleiro) fazer a cunha e introduzir no tronco de forma a ficar uma união sem folgas e falhas, fazer o amaril com no mínimo 5 voltas em torno do tronco.

Atrás do enxertador, outra pessoa passara para fazer a cobertura com terra de modo aficar totalmente coberto.

Passado aproximadamente 2 meses será possível avaliar o resultado da enxertia, onde os brotos já estão crescendo dando forma a videira.

As atividades até o final do segundo ano são a colocação das estacas de suporte, onde serão amarrados os brotos do enxerto, conduzidos e desbrotados. Serão também realizadas pulverizações semanais para o controle de fungos e insetos, a carpa para a eliminação de ervas daninhas.

Tabela 5 - Custos de hora máquina utilizada

MAQUINA	IMPLEMENTO	QUANTIDADE HORAS	CUSTO HORA	CUSTO TOTAL
Micro trator (tobata)	roçadeira	120 horas	R\$10,00	R\$1.200,00
Trator MF 265	pulverizador	90 horas	R\$15,00	R\$1.350,00
Micro trator (tobata)	rotativa	32 horas	R\$12,00	R\$384,00
TOTAL				R\$2.934,00

Os insumos utilizados nesta etapa são de procedência mineral e orgânico, como o mineral adubo de formulação simples como o Super Fosfato Simples ou como é mais conhecido Super Simples, à quantia de 300 gramas por planta, aconselha-se também realizar a adubação de cobertura, já com algum material mais concentrado em nitrogênio “N” como um formulado à 20N-05P-20K a uma quantia de 150gramas por planta, que serão distribuídos em 3 etapas de 50 gramas cada, com um intervalo entre cada adubação de aproximadamente 20 dias. O insumo orgânico pode ficar no mais tradicional como o esterco de frango riquíssimo em nitrogênio “N” (o nitrogênio é o principal componente para que a planta desenvolva) à quantidade de 1.5 quilos por planta.

Quanto as pulverizações devem ser realizadas semanalmente quando a planta apresenta um porte de aproximadamente 20 centímetros, estas pulverizações devem ser preventivas utilizando fungicidas de contato e sistêmicos para uma pulverização curativa, quando a planta já apresenta indícios de fungos.

Tabela 6 - Custo de insumos utilizados

INSUMO UTILIZADO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Esterco de frango	15.000 quilos	R\$0,055	R\$825,00
Super Fosfato Simples	3.000 quilos	R\$0,28	R\$840,00
Adubo Formulado (20.05.20)	1.500 quilos	R\$0,30	R\$450,00
Calda Bordaleza	800 litros	R\$0,075	R\$60,00
Total			R\$2.175,00

Tabela 7 - Custo de material direto utilizado

MATERIAL DIRETO	QUANTIDADE	VR UNITÁRIO	VR TOTAL
Sacos plásticos para fita	100 quilos	R\$7,80	R\$780,00
Grampos de maquinas de amarrar	50 caixas	R\$2,50	R\$125,00
Total			R\$905,00

Tabela 8 - Custo de mão-de-obra direta

QUANTIDADE DE DIAS	ATIVIDADE	CUSTO DO DIA	TOTAL
GASTOS			
30 dias	enxertia	R\$90,00	R\$2.700,00
400 dias	diversos	R\$15,00	R\$6.000,00
Total			R\$8.700,00

No terceiro ano a videira está em quase plena formação, as atividades desta etapa consistem na retiradas das estacas de sustentação que já não servem mais e podem ser queimadas em uma área livre longe da plantação. Algumas pulverizações preventivas para prolongar as folhagens da videira, neste caso é utilizado um inseticida sistêmico (Amistar) específico para tal objetivo originando assim seu custo elevado. A conservação do solo é utilizado o micro trator (tobata) para roçar entre meio das espaldeiras e herbicida de contato para a eliminação das ervas daninhas em locais que a roçadeira do micro trator não alcança.

Também se faz a ultima adubação, mas esta não corresponde mais a formação, pois esta estercação faz parte da produção que irá acontecer após 5 meses da poda que ocorre entre os meses de agosto ou setembro.

Tabela 9 - Custo de mão-de-obra direta

QUANTIDADE DE DIAS	CUSTO DO DIA	TOTAL
GASTOS		
40 dias	R\$15,00	R\$600,00

Tabela 10 - Custo de insumos utilizados

INSUMOS UTILIZADOS	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Inseticida sistêmico			
Amistar	1,0 quilo	R\$298,00	R\$298,00

Tabela 11 - Custo de hora máquina

MAQUINA UTILIZADA	IMPLEMENTO	HORAS GASTAS	CUSTO HORA	POR CUSTO TOTAL
Micro trator (tobata)	Roçadeira	48 horas	R\$10,00	R\$480,00
Trator MF 265	Pulverizador	36 horas	R\$15,00	R\$540,00
Total				R\$1.020,00

Tabela 12 - Custo de hora máquina

MAQUINA UTILIZADA	IMPLEMENTO	HORAS GASTAS	CUSTO POR HORA	CUSTO TOTAL
Micro trator (tobata)	Roçadeira	48 horas	R\$10,00	R\$480,00
Trator MF 265	Pulverizador	36 horas	R\$15,00	R\$540,00
Total				R\$1.020,00

Tabela 13 Custo Total de formação de cultura perene - Videira

CUSTO DE FORMAÇÃO DE CULTURA PERENE – VIDEIRA

Tabela 1 - Insumos utilizados - primeiro ano	R\$	5.032,00
Tabela 2 - Custos de material direto primeiro ano	R\$	9.846,00
Tabela 3 - Custos de hora máquina utilizada primeiro ano	R\$	4.540,00
Tabela 4 - Custos com mão-de-obra direta - segundo ano	R\$	9.846,00
Tabela 5 - Custos de hora máquina utilizada - segundo ano	R\$	2.934,00
Tabela 6 - Custo de insumos utilizados - segundo ano	R\$	2.175,00
Tabela 7 - Custo de material direto utilizado - terceiro ano	R\$	905,00
Tabela 8 - Custo de mão-de-obra direta - terceiro ano	R\$	8.700,00
Tabela 9 - Custo de mão-de-obra direta - quarto ano	R\$	600,00
Tabela 10 - Custo de insumos utilizados - quarto ano	R\$	298,00
Tabela 11 - Custo de hora máquina - quarto ano	R\$	1.020,00
Tabela 12 - Custo de hora máquina - quarto ano	R\$	1.020,00
TOTAL DE CUSTOS PARA FORMAÇÃO DA VIDEIRA	R\$	46.916,00

GESTÃO EMPRESARIAL: OS CUSTOS NA FORMAÇÃO DE CULTURA PERENE

Dentro da administração de uma Empresa Rural, a gerência corresponde ao coração de todo sistema, ou seja, tem a responsabilidade de funcionamento de toda a máquina produtiva.

Para que o responsável obtenha bons resultados é necessário seguir algumas etapas: inicialmente é necessário que forme uma equipe de execução de campo, de acordo com os objetivos do empreendimento, determinando as funções, as responsabilidades e o número de funcionários. Para a formação dessa equipe é um processo gradual, em virtude da intensa seleção dos funcionários que necessitam apresentar um bom desempenho e, conseqüentemente, boa produtividade.

Em uma segunda etapa deve-se definir o sistema de controle operacional por setor, cujas atividades devem ser controladas diária ou mensalmente, conforme caso. E dando continuidade ao processo o administrador deve executar diariamente um planejamento de suas atividades na propriedade

Na seqüência o produtor deve elaborar um orçamento que necessariamente, precisa ser atualizado realizado anualmente, podendo ser relativo ao ano agrícola. Toda empresa rural com uma administração eficiente tem um orçamento, pois ele é muito importante onde mede o andamento de todas as atividades.

Dentro do orçamento empresarial o produtor deve ater-se aos custos de formação de sua cultura devendo controlar cada uma das etapas do mesmo pois está relacionado a ele diversas decisões como:

- Decidir a estimativa de produção e as necessidades físicas de insumos;
- Definir os valores financeiros para as receitas, despesas e investimentos;
- Analizar os resultados estimados e definir as prioridades das atividades;
- Reavaliar os valores, adaptando-os em função das possibilidades financeiras da Empresa Rural;
- Acompanhar e analisar todo mês os resultados reais, comparando-os aos orçados.

Com o orçamento pronto e os resultados obtidos, devem ser demonstrado por meio de:

- Receitas geradas nos melhores do mercado;
- Controle das despesas diretas de produção;
- Detecção de setores improdutivos;
- Controle de investimentos.

O êxito de uma administração depende diretamente do desempenho de sua gerência/administração. Os registros e acompanhamentos das transações são um dos mais importantes instrumentos de controle técnico-gerencial e são de extrema utilidade.

O presente trabalho apresentou, em linhas gerais, como poderiam ser tratados contabilmente em termos de custos a formação de uma cultura perene – a videira. Cada empresa, por menor que seja, deveria pensar em implantar ou melhorar seu sistema contábil e de custos, visando apresentar relatórios contábeis mais informativos e que pudessem servir como suporte para tomada de decisões.

Com o melhoramento do sistema contábil e de custos o empresário rural conseguirá estabelecer a relação custo/benefício, de se manterem controles mais complexos, em busca da informação mais precisa e, por outro lado a necessidade e controles, torna-se fator imprescindível quando se trata de valorização dos estoques agropecuários.

Foi apresentando o problema existente a respeito da mensuração dos custos rurais tendo sido discutidos os critérios conhecidos para avaliação alocação dos custos nas etapas de formação da cultura

Atualmente com a globalização, todas as empresas, tanto as rurais ou não, devem ser muito bem geridos, pois a concorrência é muito grande, e o risco de desaparecerem e cada vez maior, por isso a cada dia surge uma nova ferramenta de administração, buscando uma maior eficiência.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Maria de Lourdes de. Avaliação do desenvolvimento da cultura do figo na região de Valinhos. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 1998.

BUENO, Randal Romão. CÂNDIDO, Paulo Sérgio. CARVALHO, Anderson Marinho de. SANCHES, João Roberto, SILVA, Paulo Volmir & TAKEDA, Wilton Fuginaga. **A influência do tempo na mensuração da receita de uma vinícola**. Estágio de Iniciação Científica. (Ciências Contábeis) – Universidade do Grande ABC – UniABC, 2002.

BRITO, Marcos de. A agroindústria açucareira no Brasil: aspectos de contabilidade agroindustrial. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 2000.

BRUNHOLLI, Marcos César. Formação do custo de videiras: um estudo de caso. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 1998.

CREPALDI, S. A. *Contabilidade rural: uma abordagem decisória*. 2^a ed. rev. Atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 1998.

FERRAREZZI, Sirglae. Contabilidade como instrumento de decisão para o micro e pequeno produtor agrícola. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 2000.

FERREIRA, Lilian de Mattos. A contabilidade na atividade agropecuária. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Faculdade Santa Rita de Cássia, (orientador) Fabricio Conrado Demetrio, 2001.

IUDÍCIBUS, S. *Teoria da Contabilidade* 5.ed. São Paulo: Atlas, 1997

MARION, J. C. *Contabilidade Rural: contabilidade agrícola, contabilidade de pecuária, imposto de renda*. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, E. *Contabilidade de Custos*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINS, F. P. *A Cultura da Videira*. Jundiaí, Sindicato Rural de Jundiaí, Apostila, 19?

MIALHE, L. G. *Manual de mecanização agrícola*. São Paulo: Editora Agronômica Ceres Ltda., 1974.

SANTOS, G. J. MARION, J.C. & SEGATTI, Sonia. *Administração de Custos na agropecuária*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, G. J. & MARION, J.C. *Administração de Custos na agropecuária*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

PAIVA, Graziela. Contabilidade aplicada a atividade agrícola. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientador) Gilberto José dos Santos, 1998.

PERCECHITO, Andreza. Contabilidade de empresas rurais. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 1998.

STECK, Leandro. Contabilidade de culturas permanentes. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 1998.

VERARDO, Rogéria. Contabilidade de culturas perenes. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis) – Sociedade Padre Anchieta de Ensino, (orientadora) Adriana Marques Dias, 1998.